

# DICIONÁRIO CRÍTICO DOS FASCISMOS (1922-2024)

ORGs. FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA  
EDGAR DA SILVA GOMES  
FELIPE AZEVEDO CAZETTA  
KARL SCHURSTER  
MÁRCIA CARNEIRO



D545 Dicionário crítico dos fascismos (1922–2024) [recurso eletrônico] / Organização de Francisco Carlos Teixeira da Silva; Edgar da Silva Gomes; Felipe Azevedo Cazetta; Karl Schurster e Márcia Carneiro. – Recife : EDUPE, 2025.

968 p.

ISBN 978-85-7856-263-2

1. Fascismo - Dicionários. 2. Fascismo - Miscelânea. 3. Autoritarismo I. Silva, Francisco Carlos Teixeira da - 1954-. II. Gomes, Edgar da Silva. III. Cazetta, Felipe Azevedo. IV. Schurster, Karl. V. Carneiro, Márcia. VI. Título.

CDD: Ed. 23 – 320.533

Elaborado por Claudia Henriques CRB4/1600

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE

**Reitora:** Profa. Dra. Maria do Socorro de Mendonça Cavalcanti

**Vice-reitora:** Prof. José Roberto de Souza Cavalcanti

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – EDUPE

**Membros Internos:**

Prof. Dr. Ademir Macedo do Nascimento  
Prof. Dr. André Luis da Mota Vilela  
Prof. Dr. Belmiro Cavalcanti do Egito Vasconcelos  
Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura  
Profa. Dra. Danielle Christine Moura dos Santos  
Profa. Dra. Emilia Rahnemay Kohlman Rabbani  
Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho  
Profa. Dra. Márcia Rejane Oliveira Barros  
Carvalho Macedo

Profa. Dra. Maria Luciana de Almeida  
Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos  
Prof. Dr. Rodrigo Cappato de Araújo  
Profa. Dra. Rosangela Estevão Alves Falcão  
Profa. Dra. Sandra Simone Moraes de Araújo  
Profa. Dra. Silvânia Núbia Chagas  
Profa. Dra. Sinara Mônica Vitalino de Almeida  
Profa. Dra. Virgínia Pereira da Silva de Ávila  
Prof. Dr. Waldemar Brandão Neto

**Membros Externos:**

Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento - Universidade Tiradentes (Brasil)  
Profa. Dra. Gabriela Alejandra Vasquez Leyton - Universidad Andres Bello (Chile)  
Prof. Dr. Geovanni Gomes Cabral - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Brasil)  
Profa. Dr. Gustavo Cunha de Araújo - Universidade Federal do Norte do Tocantins (Brasil)  
Prof. Dr. José Zanca - Investigaciones Socio Históricas Regionales (Argentina)  
Profa. Dra. Letícia Virginia Leidens - Universidade Federal Fluminense (Brasil)  
Prof. Dr. Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho - Instituto Federal da Bahia (Brasil)  
Prof. Dr. Pedro Gil Frade Morouço - Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)  
Prof. Dr. Rosuel Lima-Pereira - Universidade da Guiana - França Ultramarina (Guiana Francesa)  
Profa. Dra. Verónica Emilia Roldán - Università Niccolò Cusano (Itália)  
Prof. Dr. Sérgio Filipe Ribeiro Pinto - Universidade Católica Portuguesa (Portugal)

**Diretor Científico e Coordenador:** Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura

**Secretário Executivo:** Felipe Ramos da Paixão Pereira Rocha

**Assistente Administrativo:** Renan Cortez da Costa

Este livro foi submetido à avaliação do Conselho Editorial  
da Universidade de Pernambuco.



Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização das autoras e da Edupe.

<b>LEBENSRAUM</b>	<b>620</b>
Natalia dos Reis Cruz	
<i>Universidade Federal Fluminense (INEST-UFF)</i>	
<b>LIBERDADE, LIBERALISMO E FASCISMO.</b>	<b>624</b>
Felipe Cazetta	
<i>Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)</i>	
<b>LIBERTARIANISMO E FASCISMO</b>	<b>627</b>
Bruna Giovanna da Silva	
<i>Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)</i>	
<b>LITERATURA DE TESTEMUNHO E DECOLONIALIDADE</b>	<b>631</b>
Carlos Leonardo Bahiense da Silva	
<i>Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ)</i>	
<b>LITERATURA E FASCISMO</b>	<b>634</b>
Erik Chiconelli Gomes	
<b>LUTA ANTICOLONIAL E TOCOISMO</b>	<b>637</b>
Patrício Batsikama	
<i>Instituto Superior Politécnico Tocoista (ISPT) e Universidade Agostinho Neto (UAN)</i>	

## M

<b>MAL-ESTAR E FASCISMO</b>	<b>643</b>
Cristiana Facchinetti	
<i>Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)</i>	
Belinda Mandelbaum	
<i>Universidade de São Paulo (USP)</i>	
<b>MASCULINIDADE AUTORITÁRIA E FASCISMO</b>	<b>647</b>
Eder van Pelt	
<i>Universidade Federal Fluminense (UFF)</i>	
<b>MASSACRE ETÍOPE</b>	<b>651</b>
Caio César Cuozzo Pereira	
<i>Pesquisador Bolsista Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)</i>	
<b>MELONI, Giorgia e o neofascismo italiano.</b>	<b>654</b>
Marcello Scarrone	
<b>METAPOLÍTICA</b>	<b>658</b>
Luiz Carlos de Oliveira e Silva	
<b>MIDWAY, A BATALHA NAVAL DE</b>	<b>662</b>
Williams Gonçalves	

# MASCULINIDADE AUTORITÁRIA E FASCISMO

**O**s estudos sobre masculinidades buscam identificar o lugar ocupado pelos sujeitos masculinos na estrutura social, compreendendo como eles são reconhecidos no plano simbólico de uma sociedade e constituídos e mantidos pelas estruturas políticas, econômicas e culturais. A partir disso, esses estudos consolidam um entendimento sobre qual é o modelo de masculinidade normativa ou padrão, percebendo como este se insere nos variados âmbitos da organização social e define, preponderantemente, sentidos para as formas como as pessoas se reconhecem nas dinâmicas de gênero e sexualidade. No contexto recente de grandes transformações das relações sociais e sexuais, autores como Kimmel, Kaufman e Connell se destacam nessa temática, continuando os estudos de gênero e sexualidade — especialmente os estudos feministas, pioneiros no questionamento sobre a dominação masculina — e abrindo espaço para outras pesquisas e debates sobre o tema.

Com isso, novos recortes analíticos foram propostos nas teorias sociais, tentando compreender os diversos fatores que definem as masculinidades hegemônicas de uma sociedade e trazendo novas perspectivas aos estudos de gênero e sexualidade, mas também aos estudos gerais sobre a sociedade. Atualmente, analisar as intersecções entre autoritarismo, fascismo — conceitos antes destinados apenas aos debates sobre as configurações políticas e econômicas de uma sociedade — e masculinidades é um modo de compreender outras nuances a respeito das relações econômicas e de poder que antes foram inobservadas. Preponderantemente, o agente principal dessas relações é o sujeito masculino. Assim, compreender as nuances dessa sujeição é entender

uma parte do modo como essa estrutura político-econômica é operada e, ao mesmo tempo, como ela constitui o seu próprio operador.

A relação entre autoritarismo, fascismo e masculinidades possibilita analisar, na modernidade política, o modo como a autoridade é exercida e como o seu principal agente, o sujeito masculino, é constituído para esse exercício em caráter privilegiado. Se desconsiderarmos o fascismo como um fenômeno específico de seu núcleo histórico original e adotarmos a perspectiva generalizante — que o entende como um fenômeno supranacional, apresentando-se histórica e geograficamente em diversas formas — poderíamos adotá-lo como uma manifestação do autoritarismo na sociedade moderna. Desse modo, a ideologia fascista se expressaria como um dos grandes exemplos de fenômenos autoritários na sociedade moderna, conduzida pelos sujeitos masculinos que adotam, em sua própria subjetividade, os valores dessa ideologia. A mescla entre os valores do autoritarismo e da masculinidade produz um modo estereotipado de exercício da dominação masculina, com consequências para as dinâmicas das relações nas quais o sujeito masculino figura como principal ator de poder.

No campo da subjetividade humana, caberia então a análise dos impactos de ideologias políticas autoritárias — que, no caso aqui debatido, questionam a igualdade de tratamento entre os sujeitos e dão destaque à superioridade hierárquica masculina — na formação das disposições psicológicas para o exercício do poder. Aliando-se à ideologia fascista, essa subjetividade masculina toma para si a missão de preservar a ordem tradicional, colocando-se contrária às mudanças de padrões comportamentais, e valorizando a autoridade masculina como o melhor agente político para a gestão da ordem social. Desse modo, constitui o sujeito masculino estereotipado como aquele que se submete adequadamente aos seus superiores e que nutre desprezo ou vontade de dominação em relação àqueles que estão em posições inferiores na escala hierárquica social. Segundo Vigoya, essa vontade de dominação atravessa as diferenças de classe e raça, fazendo com que os valores da masculinidade hegemônica sejam reproduzidos pelos

sujeitos inferiorizados, tanto para a manutenção de um pacto de masculinidade entre os homens — especialmente para a dominação sobre as mulheres —, quanto como moeda de troca para a ascensão social.

Esse modo estereotipado de masculinidade é acionado de maneira mais destacada em momentos de crise, nos quais a ideologia fascista opera como uma ferramenta de autoritarismo, demandando um certo tipo de subjetividade dos sujeitos masculinos, que atuam como os principais agentes dessas ações de dominação. Quando, especialmente nos momentos de crises econômicas e políticas, a dinâmica das relações entre as elites e as massas são afetadas, com a ameaça de se desestabilizar o sistema de valores comuns constituídos para a manutenção do plano simbólico da sociedade, são acionados pânicos morais que geralmente questionam as mudanças progressistas em relação aos padrões de gênero e sexualidade adotados. Partindo do pressuposto de que os autoritarismos masculinistas em matéria de padrões comportamentais não podem, na atualidade, serem sustentados explicitamente ou com base em grandes fundamentos estruturais, eles aparecem mais em seu efeito rebote, como um meio de recuperar a irrecuperável mudança desencadeada pela industrialização, progresso, urbanização e modernização da sociedade.

Nesse caso, a ideologia fascista se anuncia como uma das vias de correntes da modernização, operando nos conflitos resultantes das transições que se operam entre o tradicional e o moderno. Apresenta-se como uma resposta às mobilizações sociais organizadas para questionar as dominações exercidas pelo poder masculino tradicional sobre os demais sujeitos. Em sua tentativa de enfraquecimento dessas mobilizações, o autoritarismo masculinista assume vieses fascistas ao contestar os padrões de igualdade dos sistemas liberais burgueses — no caso, o igual tratamento entre todos os sujeitos, independentemente de diferenças de gênero e sexualidade —, na tentativa de restabelecimento da antiga ordem comportamental. Todavia, ao mesmo tempo, essa atitude fascista mostra a própria vulnerabilidade desses sistemas liberais, que não conseguem promover o adequado tratamento

igualitário entre as pessoas, por recorrentemente permitirem a rearticulação da dominação masculina em torno de valores autoritários.

Além da vulnerabilidade ou insuficiência dos sistemas liberais, há, nos contrastes entre modernização e colonização em países colonizados, bem como na relação entre alta e baixa burguesia, um regime de convivência entre o autoritarismo conservador, que já está na modernidade, e o autoritarismo encontrado em contextos ainda não modernizados, ou em vias de modernização, ou em uma modernidade precária. Essa convivência mistura elementos de uma masculinidade autoritária ligada à manutenção dos privilégios de uma elite social ligada às estruturas capitalistas e burguesas mais avançadas e os elementos de uma masculinidade das classes mais baixas, vulnerabilizadas e subalternizadas. Nesse último caso, o autoritarismo da masculinidade tem relação direta com a insegurança econômica e psicológica dos sujeitos masculinos, que reproduzem em ambientes familiares um modo autoritário de ação. Assim, a ideologia fascista também pode ser instrumento de uma revolta dos sujeitos masculinos das classes baixas contra um sistema excludente ou promotor de desigualdades sociais.

**Eder van Pelt**

Universidade Federal Fluminense (UFF)

## Referências

- MARTIN, Gilbert. **Second World War: A Complet History**. NY: Holt Paperbacks, 2004.
- PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism, 1914–1945**. Madison: University of Wisconsin Press, 1996.
- PAYNE, Stanley. **El fascismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- PAYNE, Stanley: **La política**. In: DELGADO, José Luis (coord.): *Franquismo. El juicio de la Historia*, Madrid, Edición, 2000, p.237.